



Fotografia: Rumos¹

Mahamed PRATA²

Wilton MARTINS³

Universidade de Fortaleza, Fortaleza - CE

RESUMO

O presente artigo descreve o processo criativo e produtivo da fotografia de capa da revista A Ponte - um produto da disciplina Princípios e Técnicas de Jornalismo em Impresso II, do 4º semestre do Curso de Jornalismo, em parceria com o Laboratório Experimental de Jornalismo, na Universidade de Fortaleza. É ressaltado aqui as especificações técnicas e o percurso de realização do registro. Inspirada na mobilidade e no trânsito na cidade de Fortaleza a produção foi toda pautada nas reflexões e no sentido do ir e vir. O artigo trata do termo *punctum*, conceito de Barthes sobre a relação subjetiva da fotografia com o fotógrafo.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; revista; rumos; *punctum*.

INTRODUÇÃO

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, Modalidade Fotografia Artística

² Aluno líder e estudante do 4º. Semestre do Curso Comunicação Social/Publicidade e Propaganda, email: mahamed_prata@hotmail.com

³ Orientador do trabalho professor do curso de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza, e-mail: wilton-martins@unifor.br

A revista A Ponte é um produto da disciplina Princípios e Técnicas de Jornalismo em Impresso II, do 4º semestre do Curso de Jornalismo, em parceria com o Laboratório Experimental de Jornalismo, na Universidade de Fortaleza.

Para o fechamento da revista, a produção de uma capa se fez necessária. A partir desse contexto a equipe de editoração definiu a temática da imagem. A proposta inicial era realizar uma fotografia que remetesse ao tema “rumos”, que era central por toda a publicação.

“A Ponte No. 17 aborda um tema curioso: os rumos inesperados que a vida pode tomar. Como destino um roteiro desconhecido, ao acaso, por mais que procuremos controlá-lo, nunca saberemos ao certo o que nos espera no dia de amanhã. Podemos, quanto muito, intuir, mas o devir é um dos grandes mistérios insondáveis da vida.” (SEPÚLVEDA. 2012, p. 3)

Tinha-se, então, o mote que guiaria o fotógrafo na produção de uma imagem conceito. Visto que imagens e textos têm essa relação direta, em que um explica o outro, o conceito imagético resultante seria um referencial para o leitor entender melhor do que se trata a revista. Tornando-se, assim, o primeiro contato com o assunto interno da revista.

“Embora textos expliquem imagens a fim de rasgá-las, imagens são capazes de ilustrar textos, a fim de remagicizá-los. Graças a tal dialética, imaginação e conceituação que mutuamente se negam, vão mutuamente se reforçando. As imagens se tornam cada vez mais conceituais e os textos cada vez mais imaginativos.” (FLUSSER. 2002, p. 10)

O fazer da imagem Rumos foi guiado por uma série de sentimentos que no instante “atravessaram” o fotógrafo e pôde render um resultado poético muito subjetivo carregado de sinais que pode ser interpretado por um expectador e atingir o objetivo de atraí-lo a leitura da revista.

“[...] pois *punctum* é também picada, pequeno buraco pequena mancha, pequeno corte - e também lance de dados. O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere). (BARTHES, 1980, p.46)

Sobre a mensagem poética que o fotógrafo captou e deseja transmitir a outros, o autor continua:

“[...] como se eu tivesse de ler na Fotografia os mitos do Fotógrafo fraternizando com eles, sem acreditar inteiramente neles. Esses mitos visam evidentemente (é para isso que serve o mito) a reconciliar a Fotografia e a sociedade (é necessário? - Pois bem, é: a Foto é perigosa) dotando-a de funções, que são para o Fotógrafo outros álibis. Essas funções são: informar, representar, surpreender, fazer significar, dar vontade. (BARTHES. 1980, p.48)

OBJETIVO

O objetivo do trabalho foi produzir uma fotografia para ser utilizada na capa da revista “A Ponte” de nº17, revista-laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza. O tema central da revista abordava o conceito de “rumos”. A ideia de que nossas vidas tomam cominhos inesperados.

Dessa forma, a fotografia precisava conotar a ideia proposta pela revista, que era de passar o sentido de ir e vir, de caminhos, direção, etc.

JUSTIFICATIVA

Por vezes, os indivíduos se identificam com certas imagens, porém não conseguem apontar o porquê deste comportamento. Ele (o comportamento) está diretamente ligado à subjetividade de cada uma dessas pessoas. Visto que, antes de ser apenas um detalhe, este pode ser a junção de fragmentos de detalhes, capaz de comover o expectador.

Fascinação? Não, tal fotografia que destaque e de que gosto não tem nada de ponto brilhante que balanceie diante dos olhos e que faz a cabeça oscilar; o que ela produz em mim é exatamente o contrário do estupor; antes uma agitação interior, uma festa, um trabalho também, a pressão do indizível que quer se dizer. (BARTHES. 1980, p. 35)

Tal reação não ocorre somente na fotografia. Ocorre de forma geral em todas as linguagens em que as artes se apropria. E na tentativa de expor o que causa tanta agitação interior na escolha da imagem, o fotógrafo fez uma descrição.

A ideia foi concebida a fim de produzir uma imagem conceito e que por meio desta fosse comunicado de forma poética, o tema central da revista. Rumos, devir e acaso traduzidos visualmente por meio dos elementos que compõem a fotografia.

As muitas linhas retas (fios, porte, faixa de pedestre, paredes do prédio, suporte da lâmpada do poste) insinuam as possibilidades que temos de seguir caminhos diferentes em nossas vidas, embora quase sempre sigamos em linhas tortuosas. E isso pode ser contrastado pela linhas curvas da calçada e da organização justaposta das pedras do calçamento.

Sinais de trânsito indicando outras alternativas viáveis, lugares seguros a trilhar e a impossibilidade de ficar parado, pois tudo se move, mesmo estando parado, como na inércia.

As pessoas retratadas como borrões também reforçam essa negação a imobilidade, gerando assim movimento. E nesse gesto, seus rastros nos fornecem indícios de seus itinerários no espaço e no tempo, onde nos mostram por onde andaram, por onde talvez irão e também onde tocam ou tocarão em outro rastro alheio.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Num primeiro momento, a equipe da revista: professor, técnico e estagiários, pesquisou e discutiu sobre a possibilidade de local onde a fotografia deveria ser realizada. Locais que transmitissem a ideia de “rumos”, como rodoviária, estação de trem, aeroporto, praças e ruas do centro de Fortaleza. A equipe decidiu que a fotografia deveria ser realizada na praça do Ferreira, no centro.

Tendo em vista que a intenção era fotografar fluxo de pessoas, o centro da cidade era o lugar ideal. Para isso uma vista de cima seria visualmente mais interessante. Então a captação foi realizada na cobertura de um prédio nas adjacências da Praça do Ferreira.

Originalmente, o relógio da praça faria parte da composição – não só pelo fato de ser um marco visual da cidade, mas por conter relação simbólica direta com o proposto no

trabalho: praça como espaço, e relógio como tempo –, juntamente com as várias pessoas transitando. Após algumas tentativas, nenhuma fotografia passou seguramente a proposta da imagem para a capa. Como se a imagem certa estivesse na espera de ser capturada.

Neste dia (26 de Setembro de 2012), a praça estava cheia de pessoas com placas de políticos, o mascote da copa estava sendo instalado, uma obra de manutenção estava em andamento e as árvores acabaram por interferir na visualização dos transeuntes. Ou seja, a praça estava visualmente “poluída”, pois continha muitas distrações referente ao proposto. Mesmo assim, foram realizadas algumas fotografias.

Entre a praça e o prédio no qual foi tomada a fotografia, há uma bifurcação por onde as pessoas iam e vinham, formando um emaranhado interessante. Essa cena, então, se apresentou como uma possibilidade compatível ao que se esperava. Pois todos os elementos já citados, incluído a própria bifurcação, harmonizavam-se no contexto da imagem idealizada.

A ESCOLHA DO EQUIPAMENTO E A REGULAGEM DA CÂMERA

Portando uma Canon PowerShot G11 10.1 megapixels (câmera compacta com recursos avançados), apoiada no muro de segurança da cobertura do prédio e logo foram feitos alguns registros para analisar qual configuração seria melhor.

Foi escolhido o ISO 200 (das opções 80 até 3200) para não incluir ruído a mais na imagem, pois, segundo LANGFORD (2009, p. 135), “quanto mais alto o ISO, mais ruído você verá na sua imagem”. O diafragma da máquina foi fechado no máximo a fim de obter maior profundidade de campo, fazendo com que a área máxima possível da imagem fosse nítida. O tempo de exposição 1/3s foi importante em dois pontos. Primeiro a captar mais luz, pois já passava das 17:00 horas e já começava a escurecer; e, principalmente, borrar o movimento que as pessoas faziam ao seguirem seus trajetos.

“Os controladores da exposição, isto é, o diafragma e o obturador, têm grande influência nos aspectos estéticos da fotografia. Velocidades altas ou baixas podem modificar completamente o resultado de uma fotografia.

Da mesma forma, aberturas pequenas originam fotografias com grande profundidade de campo; aberturas grandes, ao contrário, determinam o foco em regiões muito limitadas.” (TRIGO. 1998, p. 98, 99)

Ainda conforme o autor, TRIGO, (1998, p. 100) “[...] o uso de velocidades mais baixas modifica completamente a estética e os resultados de algumas cenas onde objetos se movimentam.”

Na pós-produção a imagem sofreu uma leve dessaturação para tirar um pouco da atenção causada pelo amarelo do prédio em frente. E para isso também foi “aquecida a temperatura” da cor no intento de gerar uma harmonia entre as cores já existentes (amarelo do prédio, o vermelho das placas), e relacionar com a ideia de combustão que a vida, enquanto em movimento, produz. Também, como afirma TRIGO, (1998, p. 19) a escolha de “uma luz ‘mais quente’ é aquela que cria uma atmosfera mais acolhedora, tépida, com maior emissão na região do vermelho” a fim de afastar a ideia frieza, incerteza e deixar uma atmosfera mais agradável ao leitor. Ainda em questão dos ajustes, um leve contraste realizado deixou mais interessante a imagem, evidenciando mais os limites dos elementos visuais.

Um novo recorte foi preciso para se ajustar no formato da mídia a ser impressa. Também para realocar as informações, reformando uma composição mais interessante ao leitor e expectador da imagem como primeiro convite a ler a revista.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Fotografia digital colorida, no formato 4:3, dimensão 1937 x 2582 pixels, editada no Software Adobe Photoshop CS5. Registro da Rua Floriano Peixoto com Rua Pedro Borges, sobre o prédio da Associação Cearense de Imprensa (ACI). No dia 26 de Setembro de 2012, às 17h09min. Utilizada uma câmera Canon PowerShot G11 de 10.1 megapixels, com a abertura de f/8, ISO 200, exposto em 1/3s, à 30mm de distância focal.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a concepção das ideias, o resultado da produção fotográfica pôde suprir as exigências para traduzir o conceito da revista, na intenção de ser uma intermediária entre o conteúdo e o leitor em potencial.

Os resultados de “atravessamentos” podem interferir diretamente no gostar ou não de uma fotografia feita a partir da visão do fotógrafo, que por sua vez pode está sendo afetada por seus próprios atravessamentos. E isso está relacionado com a construção subjetiva de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **A Câmera Clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

LANGFORD, Michael. **Fotografia Básica de Langford**: guia completo para fotógrafos. Porto Alegre: Bookman, 2009.

SEPÚLVEDA, Alejandro. “O Devir”. **A Ponte**: revista-laboratório semestral do curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza. Edição nº 17, agosto/setembro 2012.

TRIGO, Thales. **Equipamento fotográfico**: teoria e prática. São Paulo: Senac, 1998.